

Urupema: benefícios de parque eólico não compensam má localização

Categories : [Marc Dourojeanni](#)

À procura de energia, reapareceram revigorados os velhos moinhos de vento. Esses mesmos contra os quais o insensato Fidalgo Dom Quixote de la Mancha lutou e que se considera marca registrada dos Países Baixos, embora tenham coberto as paisagens europeias por séculos. Não são os mesmos moinhos e sua finalidade não é exatamente a mesma, mas, quem sabe se os velhos moinhos europeus não originaram preocupações ambientais já que, apenas no século XIX, se construíram uns nove mil tão somente na Holanda.

Como já ocorreu com a energia hidráulica que por muito tempo foi considerada a panaceia ambiental pelo seu caráter renovável, a energia eólica assim como a solar são hoje as meninas dos olhos do ambientalismo e, por certo, dos chamados negócios verdes. Mas, como também ocorreu com a energia hidráulica que na atualidade é vista com muito receio, o tempo vai demonstrando que, ademais de problemas técnicos para os quais existe solução, a energia eólica tem problemas ambientais que, parece, também têm solução. O que não provoca dúvidas é que a energia eólica é ambientalmente muito menos impactante que a geração de energia térmica e hidráulica e, sob alguns aspectos, a nuclear.

Já existem milhares de estudos e pesquisas sobre os impactos ambientais da geração de energia eólica. Os resultados são até agora animadores e, embora nenhum problema seja grave demais, os seus impactos devem ser levados em conta. Estes incluem impactos sobre: (i) a fauna, especialmente aves e morcegos, (ii) as paisagens ou impactos estéticos, (iii) o uso da terra, (iv) os ciclos biológicos de plantas e animais, (v) o microclima, (v) a saúde pública e (vii) a segurança.

O risco mais evidente e documentado da exploração da energia eólica está relacionado à sua interferência com o voo de aves e de morcegos. A mortalidade é maior nos parques eólicos situados sobre terra firme do que nas instalações marítimas. As espécies de aves e de morcegos mais afetadas são as que procuram alimentos nos mesmos parques eólicos, ou as aves migratórias, quando essas instalações estão localizadas nas suas rotas de migração. Muitas aves de rapina sofrem, pois se alimentam de pássaros e roedores que vivem sob as turbinas eólicas (aerogeradores). O dano é ainda maior quando os parques eólicos estão perto de locais de pouso ou repouso das aves migratórias, pois nesses casos as aves voam em grupos compactos e a baixa altitude. Espécies raras ou ameaçadas estão entre as afetadas.

Existem medidas para reduzir esses acidentes. A primeira e mais óbvia é evitar explorar parques eólicos nas rotas de migração de aves, que são bastante bem conhecidas ou dos seus

"dormitórios". No caso de aves ou morcegos insetívoros que se alimentam voando ao amanhecer ou ao entardecer nas plantações situadas sob as hélices, o dano pode ser evitado detendo nesses lapsos o funcionamento das turbinas. Nesses intervalos, a perda de geração de energia não costuma ser grande, pois são horários de baixa velocidade do vento. Quando os parques eólicos estão em rotas de migração de aves às vezes se instalam radares que detectam os bandos com tempo suficiente para desligar as turbinas antes da passagem das aves. Mas, como dito, o melhor é evitar instalar parques nessas rotas.

Risco para o papagaio-charão